

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TÚLIO MAGNO DE SOUZA PEREIRA DA COSTA**

**Objetos propositores: uma expedição pelas galerias do Museu De Arte Murilo  
Mendes**

Juiz de Fora - MG

2019

**TÚLIO MAGNO DE SOUZA PEREIRA DA COSTA**

**Objetos propositores: uma expedição pelas galerias do Museu De Arte Murilo  
Mendes**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Ensino das Artes Visuais, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientador: Fabrício da Silva Teixeira Carvalho.

Juiz de Fora - MG

2019

Aos membros do setor Educativo do Museu de Arte Murilo Mendes que colaboraram de maneira expressiva para as reflexões feitas aqui.

*“O ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador.”*

*DUCHAMP, 1975.*

## RESUMO

Este texto pretende abordar os materiais educativos, objetos propositores, jogos e outros utilizados como recursos durante as visitas e as ações mediadoras pelas galerias do Museu de Arte Murilo Mendes - UFJF, em Juiz de Fora. A partir de uma observação participante, a princípio, se faz um levantamento das ações realizadas que contam com uso desses materiais e logo após uma reflexão sobre as qualidades e o caráter dessas ações. O texto propõe ainda uma discussão, com base em estudos já realizados, a fim de melhor caracterizar e amparar as observações aqui colocadas. Compartilhando, principalmente, dos pensamentos da arte-educadora Mirian Celeste Martins acerca da mediação cultural e seus “emaranhados”.

**Palavras-chave:** mediação cultural; objetos; arte; museu.

## **ABSTRACT**

This text intends to approach educational materials, propositional objects, games and others used as resources during the visits and the mediating actions by the galleries of the Museum of Art Murilo Mendes – UFJF, in Juiz de Fora. From a participant observation, at first, it is made a survey of the actions carried out that rely on the use of these materials and soon after a reflection on the qualities and character of these actions. The text also proposes a discussion, based on studies already done, in order to better characterize and support the observations presented here. Sharing, mainly, the thoughts of art educator Mirian Celeste Martins on cultural mediation and its "tangles".

**Key-words:** cultural mediation; objects; art; museum.

## Introdução

Apesar dos diálogos estabelecidos aqui não caminharem especificamente na perspectiva da estruturação dos setores educativos e suas problemáticas contemporâneas, é indispensável iniciar esse texto com uma reflexão, a princípio, acerca da educação em museus. Carece abranger esse cenário já que serão pautadas suas proposições e ações artísticas-culturais que se projetam a fim de melhor articular entre o seu público e aquilo que o museu oferece.

A discussão sobre a educação em museus vai se desvelando e assumindo novas roupagens de acordo com o surgimento de novas pesquisas e revisões, e são os muitos nomes que alimentam os discursos empregados hoje. Esses espaços são norteados por um conjunto de livros, documentos e planos que estabelecem algumas diretrizes e auxiliam no desenvolvimento de projetos educativos e suas possíveis aplicabilidades, como, por exemplo, o PNEM - Política Nacional de Educação Museal. Os museus tornaram-se espaços de experimentação, aprendizagem e pesquisa.

Pensamos nos museus como laboratório de arte. Museus são laboratórios de conhecimento de arte, tão fundamentais para a aprendizagem da arte como laboratórios de química o são para a aprendizagem da Química. (BARBOSA, 2009, p.13)

Em meio a essas transformações, surge a concepção de mediação cultural. Relacionada a um ideal de democratização cultural, entende-se a mediação cultural nesses espaços como uma ação instigadora, que estimule, incentive e provoque diálogos, vivências e experiências.

Seja em museus, no campo cultural ou da educação, o termo agrupa e entrelaça, constantemente, novos sentidos e ramificações, potencializando ou sintetizando conceitos. Para Mirian Celeste Martins (2014) trata-se de um *emaranhado*<sup>1</sup>: “mediação, [é] uma palavra-valise, carregada de significações. Junte-se a ela outra palavra – cultura, e tem-se um baú de significações que perpassam por diversos conceitos e atuações.”.

---

<sup>1</sup> Mirian Celeste Martins indica esse aspecto logo no início de um de seus textos: Mediações culturais e contaminações estéticas. **Revista Gearte**, v. 1, n. 2, p.248-264, 2014.

Gradativamente a palavra *mediação* substitui termos como *monitoria* ou *visita guiada*. Aparentemente o temor da utilização dessas expressões fez com que os setores educativos dos museus se apropriassem nos últimos tempos de títulos como *visita mediada*. Interessante ver, ao menos, que a as discussões movimentam a maneira como são pensadas e propostas as ações mediadoras. O revés surge quando essas visitas ainda continuam sendo *guiadas* – ou no máximo orientadas - e são somente renomeadas.

Jorrar informações não é mediar. É preciso que os textos de abertura, os *folders* e outros materiais estejam para o espectador, em um sentido abrangente, acessível! E não para um seletivo grupo de frequentadores. Credo nas potencialidades desses materiais em mediar, de *estar entre*<sup>2</sup>.

É preciso pensar a diferença entre apresentação, explicação, interpretação, conhecimento teórico, informação e mediação cultural. Embora essas ações se superponham em alguns momentos, ver diferenças pode nos ajudar a distingui-las. (MARTINS, 2014, p. 252)

É cabível recorrer ao pensamento de Rancière (2002, p. 25) sobre a prática da explicação, que é compreendida como um caminho cujo destino leva ao embrutecimento: “[...] há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência.” Considerando, aqui, a busca pela emancipação, atingindo outros elementos que podem compor e auxiliar nos processos que envolvem a mediação cultural: os objetos propositores.

Sob uma forte influência do capítulo *Objetos propositores: mediação provocada*<sup>3</sup> e também do conceito de Lygia Clark<sup>4</sup>, os objetos propositores compreendem o conjunto de jogos, objetos, ações e outros elementos que circulam pelo campo da mediação em museus, de modo lúdico, brincando com a imaginação e que, de alguma forma, estimulam a disposição daqueles que se comprometem com a experimentação, atuando no despertar de novas situações e vivências a partir

---

<sup>2</sup> MARTINS, 2007, p. 1035.

<sup>3</sup> Capítulo do livro *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura* de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque.

<sup>4</sup> Texto do Livro-Obra, 1983. *In*: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Itermeios, p. 78-79, 2012.



de diferentes modos de nos relacionarmos com o mundo através das produções artísticas.

Sobre jogos, Kishimoto (1993, p. 40) comenta sobre os jogos de construção – aqueles que não são fabricados em série - e sua importância no enriquecimento das experiências sensoriais, no estímulo da criatividade e no desenvolvimento de habilidades das crianças. Além de notar as funções socioculturais construídas a partir dos jogos: “estabelecendo regras, critérios e sentidos, possibilitando assim, um convívio mais social e democracia, [...] os jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social.”.

Ao evocar Huizinga (p. 79), Mirian Celeste Martins trata o jogo como *um intervalo na vida cotidiana*. Além de buscar a compreensão do pensador holandês que reflete sobre a não definição exata para o conceito de jogo, deixa claro se tratar de uma função da vida, presente na história da humanidade e que seria um traço essencial para as sociedades humanas.

Da mesma forma, o autor de *Brinquedos do chão* (2016), Gandhi Piorski, que se dedica aos estudos do ato ou gesto de brincar e da cultura da infância, torna clara as relações entre a imaginação e o mundo externo a partir da *investigação que a criança naturalmente quer exercer sobre as coisas, as matérias, os corpos, os gestos, as palavras*.<sup>5</sup>

A criança, essa criatura por excelência tátil, tem olhos nas mãos e pés. Só quase sabe ver com as mãos, ver com os olhos não lhe basta, pois o campo de repercussões por ela almejado é das mais recuadas impressões corpóreas. A tatilidade é seu mais poderoso recurso imaginador, a porta do vínculo onírico com tudo. Pela tatilidade, ela não apenas vê como também ouve e empenha diálogo com os materiais. (PIORSKI, 2016, p. 109)

Mesmo estando presentes e sendo, gradualmente, disseminados pelos espaços de arte e cultura, os materiais educativos e propositores nem sempre são creditados como articuladores das ações mediadoras. A figura do mediador ainda parece muito ostensiva nesse processo, como se para que essas ações possam ser

---

<sup>5</sup> Gandhi Piorski em entrevista concedida ao portal Lunetas, que se dedica às temáticas da infância, no ano de 2016.

efetivadas fosse indispensável a presença de um educador ou mediador para realizar essa “passagem”, muitas vezes utilizando predominantemente a fala.

Obviamente, não é sobre descartar ou tratar com menor importância os educadores de museus e outros. São profissionais, muitos deles que compreendem as necessidades atuais de seus espaços e dos diálogos a serem construídos. São os mesmos que se dedicam na elaboração das proposições e introduzem materiais de apoio. Mas este trabalho pretende pensar possibilidades de um desenvolvimento autônomo tanto do espectador quanto dos objetos dispostos para um diálogo mediador.

Aqui, serão observados e descritos os materiais educativos, objetos propositores, jogos e outros utilizados como recursos durante as visitas e as ações mediadoras pelas galerias do Museu de Arte Murilo Mendes, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Também serão investigados como a interatividade e o emprego do caráter lúdico são pensados e executados ao longo dessas ações junto ao público. Enfatizando o recorte temporal de pesquisa e desenvolvimento deste trabalho, ocorrido entre janeiro de 2019 a maio do mesmo ano.

## **Mediação, objetos e o museu**

Mirian Celeste Martins trata a mediação como encontros sensíveis com a arte, além de enfatizar a importância de criar novos encontros estéticos oportunizados pela mediação cultural: “Cada vez mais fica visível o modo como temos trabalhado com o conceito de mediação cultural, como ação e não como função. Afinal, mediamos para “ensinar arte” ou para propor encontros significativos com ela?”.

Nesse sentido, fica evidente perceber a mediação como um processo correlacionado a um movimento ou a um caminho a ser explorado e não meramente percorrido para se atingir uma linha de chegada.

Em um material<sup>6</sup> de ação educativa produzido especialmente para a 4ª Bienal do Mercosul, a arte-educadora afirma que não há espectador totalmente ingênuo:

---

<sup>6</sup> **Inventário dos Achados:** O olhar do professor–escavador de sentidos, Porto Alegre, p.9, out. 2003.

“há marcas culturais tatuadas nas pupilas dos olhos dos alunos que não devem ser desprezadas, mas sim incorporadas e ampliadas durante a leitura para que novas interpretações e construção de sentido possam ser desveladas.” A ação mediadora para Martins não pode ser compreendida como uma ponte entre quem sabe e quem não sabe, entre a obra e o espectador, mas como um “estar entre” muitos, não podendo desconhecer cada um desses interlocutores e o seu desafio maior: provocar uma experiência estética e *estésica*. (2007, p. 1035)

De acordo com Lucia Conrado Martins (2011) é possível identificar pistas sobre as origens dos serviços educativos nos museus na Inglaterra entre o final do século XIX e início do século XX ao apontar para um trabalho de Hooper-Greenhillos de 1991. Os museus britânicos se organizaram como espaços também de educação, pensando então sobre um serviço educativo a ser oferecido, com visitas escolares e permitindo o empréstimo de *kits* de objetos para serem apresentados nas aulas.

No Brasil, esse movimento se inicia no século XX com a produção de materiais didáticos também para empréstimo. Edgard Sússekind de Mendonça vai se aproximar desse assunto em 1946 em sua monografia elaborada como uma espécie de avaliação para sua admissão como técnico educacional no Museu Nacional, sob o título *A Extensão Cultural nos Museus*. Questões primárias e ainda pouco desenvolvidas sobre educação museal são observadas, refletindo uma tentativa de se pensar esses espaços como lugares de educação e experimentação: “Extensão Cultural: [...] nesta é que cabe aos museus papel insubstituível e, de certo modo, preponderante, não só pelas suas características funcionais, como por direito de antiguidade.”.

Ainda reforçando os aspectos educacionais e a responsabilidade política-social-cultural dos museus, só que em tempos atuais, o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação da Ciência da Faculdade de Educação da USP (2016), produziu um trabalho norteado pela construção da relação entre a educação em museus e a produção relevante de materiais educativos por parte dessas instituições. Além de apontamentos acerca da elaboração e potencialidades dos objetos e materiais inseridos nesse contexto, o

grupo caminha também sobre o entendimento de se olhar para o espectador e suas particularidades:

Entendemos que os materiais educativos são frutos de adaptações do conhecimento com vistas a possibilitar a compreensão das ideias complexas guardadas nas coleções, nos objetos e nas investigações realizadas pelos museus. Acreditamos que essas adaptações consideram também – e de diferentes formas – as especificidades dos públicos aos quais se endereçam. (GEENF, 2016, p. 6-7.)

Muitos educadores se dedicam em pensar proposições e materiais que o os auxiliem durante os trabalhos nesses espaços ou que protagonizem momentos de aproximação com a arte. São imbuídos de poéticas diversas que contemplem o seu local de aplicação, além de levar em consideração o público-alvo e a avaliação desses materiais. Uma espécie de *curadoria educativa*<sup>7</sup>. Processos extremamente importantes para perceber se os objetivos têm sido atingidos e quais os desdobramentos dessas proposições, já que podem ser permeadas pela subjetividade de quem as manuseia, sendo criadas e recriadas a todo instante.

Durante o 4º Encontro de Educadores de Museus realizado no MAMM em agosto de 2018, a arte-educadora e também autora de livros de arte para o público infantil, Renata Sant'Anna, convidada do setor educativo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, apresentou algumas ferramentas utilizadas durante as visitas e ações que ministra por lá. Um dos projetos ilustrados foi o *História da Arte para crianças: entre livros e obras*, aonde a visita é enriquecida através da leitura. Renata Sant'Anna comentou a respeito de uma atividade realizada sobre Volpi usando um livro da Ana Maria Machado e outra sobre José Antônio da Silva usando um livro escrito pelo próprio artista. Em *De dois em dois*, escrito pela própria arte-educadora, as crianças descobrem como é organizada uma Bienal de Artes, conhecem um pouco da história das edições e dos artistas. A interação fica por conta da relação que vai se estabelecendo entre os textos, as imagens e as obras de arte, dedicando uma parte do encontro a uma proposição que conecte as visualidades e as palavras.

---

<sup>7</sup> *Atitude estética formadora de um olhar que se fundamenta numa prática do encontro com a arte*, proposta por Luiz Guilherme Vergara (1996, p. 241), diretor da Divisão de Arte Educação do MAC Niterói, coordenador do Centro Cultural Banco do Brasil e do Centro de Arte Hélio Oiticica.

A 33ª Bienal de São Paulo - *Afinidades afetivas* - produziu um material "educativo" bastante peculiar. Intitulado *Convite à Atenção*, o material propõe um exercício a partir de cartas que podem ser utilizadas pelos visitantes com a opção de ação individual ou coletiva, sem a presença obrigatória de um orientador/mediador. A publicação impressa traz exercícios onde arte, educação e atenção são relacionadas, propondo a seu leitor ações de atenção que movimentam os sentidos e que tentam fazer com que o participante se perceba presente e reflita sobre o seu encontro com uma obra de arte.

Figura 1 – Convite à atenção



Foto: Túlio Magno.

O jogo se divide em quatro momentos: Encontrar uma obra; Dedicar atenção; Registrar a experiência; Compartilhar. Cada etapa traz um conjunto de 11 cartas, sendo que o momento dedicado para compartilhar suas experiências é realizado de acordo com a modalidade selecionada logo no início do exercício: em grupo ou individualmente. Possibilitando, caso queira, compartilhar esses registros junto a outros usuários em um *site* dedicado à proposição, além e permitir o *download* em versão *pdf* de todo o material.

As cartas trazem textos que instigam as ações pretendidas com cada momento. Para encontrar uma obra as sugestões são variadas; o participante pode pedir para que alguém presente no espaço lhe indique algum trabalho ou ele pode optar por escolher um número, a partir de seus critérios, podendo ser o favorito ou tirado em uma *adedaonha*. Assim, esse participante pode contar seus passos ou as obras pelo caminho até chegar na obra a ser observada.

O mesmo acontece nas etapas subsequentes ao dedicar atenção e registrar essa obra. As cartas podem pedir que você observe sua respiração frente à esse trabalho ou que você tape os ouvidos e note se há alguma alteração. Podendo algumas delas solicitar, inclusive, o uso de um celular para a investigação.

Para registrar essa experiência, pode-se realizar um movimento corporal que diga sobre esse momento ou que você manifeste em uma folha de papel palavras, narrativas ou expressões diversas sobre suas experiências.

Este material foi utilizado na Colônia de Férias do Museu de Arte Murilo Mendes, em janeiro de 2019, destinado a crianças com faixa etária de sete a dez anos. Na ocasião, a ação foi ministrada pelos bolsistas e por uma colaboradora do setor. Ele continua sendo utilizado pela divisão durante visitas com grupos agendados e/ou espontâneos.

Os exercícios pensados para essa publicação são entendidos como um tipo de mediação segundo o próprio texto de apresentação. As práticas foram concentradas justamente no contato entre público e arte, valorizando e organizando esse momento sem projeções de resultados. O material assume o desejo em dialogar com os possíveis entendimentos acerca do que pode ser arte, com os públicos diversos, com os espaços habitados e qualquer outro agente que se

relacione com esse processo. Não se vinculando exclusivamente à 33ª edição da Bienal de São Paulo e se caracterizando como um dispositivo emancipador de público, podendo assumir aplicabilidades múltiplas.

### **Para além das estruturas físicas**

As ferramentas disponibilizadas *online* pelos museus são fomentadoras de uma prática pedagógica para além de suas estruturas físicas. Destinadas a um público diverso, elas são reproduzidas e adaptadas a outros contextos como as escolas e a outros espaços museológicos como já visto.

Pioneira nesse aspecto, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, traz dentro de seu site um espaço dedicado à educação - *Museu para Todos + Educação* – onde disponibilizam textos, atividades e jogos. O *PinaTrilhos*, desenvolvido para o espaço, é um aplicativo gratuito que interage entre arte e a vida urbana, fazendo pensar sobre a mobilidade da cidade. O objetivo do jogo é claro: chegar à Pinacoteca! Localizada na Estação da Luz, que conecta diversas linhas de metro e trem em São Paulo, quem se propõe a jogar precisa responder as perguntas de verdadeiro ou falso que são correlacionadas às obras e aos artistas do acervo da Pinacoteca, podendo avançar ou voltar casas dependendo da resposta.

Há ainda a opção de o jogador acessar o site destinado ao jogo e fazer o *download* do tabuleiro, montar e jogar com outras pessoas. Além disso, outros jogos são dispostos para uso dentro e fora do museu. A iniciativa promove um movimento claro dessa tentativa de aproximar arte, espaços e público a partir de recursos provocadores e convidativos.

Os jogos, objetos e outros dispositivos podem servir ainda como recursos inclusivos, como é o caso do *Jogo da Multissensorialidade* que visa ir de encontro a pessoas com deficiência visual a partir da reprodução de obras de arte que fazem parte dos projetos *Lá Vai Maria*<sup>8</sup> e *ArteBR*<sup>9</sup> e que é apresentado por Maria de Lourdes Sousa Fabro no livro *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura* (2012, p. 95). Explorar os relevos, as texturas, as temperaturas e introdução

---

<sup>8</sup> Projeto “Lá Vai Maria”. Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo, 2004.

<sup>9</sup> Projeto “ArteBR”. Instituto Arte na Escola, São Paulo, 2003.

de objetos e brinquedos que podem dialogar com a obra, são alguns artifícios utilizados.

Interessante perceber o intercâmbio dessas produções, seja em outros museus, em escolas ou em casa, as trocas e os momentos de experimentação são sem dúvidas enriquecidos, prolongando a visita no museu e estabelecendo uma relação mais próxima. Ao alimentar suas plataformas digitais com materiais educativos, aplicativos, textos e outros, esses espaços, junto a educadores e a outros interessados, passam a tricotar possibilidades de uso e de criação de novas proposições.

### **Ações dos educadores do MAMM**

Lygia Clark nos alimenta com suas ideias em que a arte é propositora, nos convida a fluxos de criação. Outros artistas também são propositores e nos apresentam a Arte não apenas como oportunidade de contemplação e sim de interação. Ideias que nutrem a concepção de ensino de artístico que propõem que o educador passa daquele que dá aulas de Arte, para um educador que seja um professor propositor. Assim como Lygia Clark saiba fazer convites para percursos poéticos, estéticos e criativos na aprendizagem da Arte. Um convite que provoque encontros significativos e experiências estéticas e construa conceitos e concepções sobre Arte. Um professor propositor que compreenda o seu papel de curador e mediador ao selecionar e apresentar patrimônios culturais históricos e contemporâneos aos alunos. (UTUARI, 2012, p. 53)

Solange Utuari convida a refletir sobre o professor/educador propositor a partir das ideias fomentadoras de Lygia Clark. O mesmo pensamento pode ser apropriado pelo educador de museus ou por qualquer outra instituição que se comprometa com ações pedagógicas e trabalhos de aproximação entre sua comunidade e os bens que salvaguarda. Sem dúvidas, Lygia Clark permeia as noções de *objetos propositores* assim como concretiza a figura daquele que lança um convite à participação efetiva na construção de sentidos de uma obra, levantando questionamentos acerca do *processo de criação compartilhado entre artista e espectador*. Completa Utuari: “exploração da linguagem artística, suas materialidades, elementos compositivos, processos e procedimentos artísticos.”.



Atualmente o setor educativo do MAMM não conta com nenhuma produção particular de materiais propositores, mas, inspirado pelos já utilizados, regularmente são confeccionadas algumas fichas com indagações e palavras que estejam correlacionadas com alguma exposição em cartaz e que leve a uma reflexão similar aos jogos citados anteriormente.

Ainda durante a Colônia de Férias, outro momento da utilização de recursos didáticos foi a construção de uma narrativa sobre o patrono do museu, Murilo Mendes, e seu acervo. Para isso, utilizou-se de alguns fantoches em papel, como personagens, paisagens e objetos que reconstituíam essa história até a fundação do museu. A cada novo acontecimento narrado se acrescentava um novo fantoche, construindo uma espécie de trilha. As crianças iam, aos poucos, compondo os eventos de acordo com que recordavam do que já haviam visto ou escutado sobre.

Figura 2 – Crianças realizando o *Convite à atenção* da 33ª Bienal de São Paulo.



Foto: Ana Luisa Affonso.

Figura 3 – Atividade com grupo escolar utilizando fichas confeccionadas pelo setor.



Foto: Túlio Magno.

Na exposição *Minimundos*<sup>10</sup>, do artista Ronald Polito, onde algumas das peças expostas são esculturas de grafite, a ideia apresentada foi articular entre as noções de contraposição: frágil-forte; leve-pesado; simples-complicado; rígido-flexível; lento-rápido; permanente-passageiro. Os grupos se organizam em duplas ou trios e enquanto observam os trabalhos do artista vão construindo as relações entre as palavras e o que estão vendo. Após um tempo de fruição são convidados a expor suas observações para todo o grupo e caso queiram, comentar sobre as sensações despertadas que levaram às escolhas.

Em algumas visitas, é proposto ainda que cada membro do grupo recite uma palavra que para ele melhor descreva a exposição visitada ou faz-se um exercício corporal aonde são refletidos os conceitos que se contrapõem pautados anteriormente, como aconteceu em uma das visitas. Na área externa do museu, os visitantes de um grupo escolar simularam carregar ou manusear objetos pesados, muito leves, pequenos, quentes e frios. Com seus corpos, observaram sobre equilíbrio e vulnerabilidades a partir dos diálogos construídos com a exposição *Minimundos*.<sup>11</sup>

Figura 4 – Algumas das fichas confeccionadas pelo setor inspiradas em proposições similares.



Foto: Túlio Magno e Clara Downey.

<sup>10</sup> Exposição aberta em 26/03/19 na galeria *Poliedro* no primeiro piso do museu e ativa até a data de finalização desse texto.

<sup>11</sup> Texto elaborado a partir do relato de uma das bolsistas do setor do Educativo, Ada Medeiros, que na ocasião acompanhava um grupo do 9º ano do Ensino Fundamental.

Essas proposições vão surgindo de maneira constante e a partir de estímulos provocados pelos próprios visitantes. Cada educador do setor vai desenvolvendo suas próprias ferramentas e aplicabilidades de acordo com o que se manifesta a cada visita.

No plano museológico 2019-2022, o setor educativo do MAMM – UFJF elenca novas e/ou proposições atualizadas. Um dos projetos a ser desenvolvido é o *Ferramentas* que visa a elaboração de recursos tidos como didáticos. Um exemplo seria os *Materiais do circuito expositivo* descrito como material impresso a ser utilizados pelos membros da equipe durante as visitas. Uma *ecobag* com imagens, jogos, cartilhas e ações poéticas. A princípio, não há uma descrição detalhada do que serão os jogos, cartilhas e outros, nem se serão produzidos pela Divisão ou se serão utilizados materiais de outros espaços, como acontece com o jogo da 33ª Bienal de São Paulo.

Em algumas visitas já se faz o uso dessas bolsas. Elas carregaram os materiais já usados, além de uma matriz de xilogravura e algumas imagens do processo de gravação. Dialogando com algumas obras do acervo do museu expostas, na ocasião, na galeria *Convergência*.<sup>12</sup>

Outros materiais a serem desenvolvidos são os *Materiais para professores* que é uma proposta que visa disponibilizar textos, reproduções de obras do acervo e atividades *online*.

## **O espectador emancipado**

O poder comum aos espectadores não tem a ver com a respectiva qualidade de membros de um corpo coletivo ou com qualquer forma específica de interatividade. [...] é neste poder de associar e de dissociar que reside a emancipação do espectador, ou seja, a emancipação de cada um de nós enquanto espectador. (RANCIÈRE, 2010, p. 27-28)

---

<sup>12</sup> Galeria localizada no último piso do museu.

O espectador, munido de suas experiências e disposições socioculturais, aqui é justaposto a um processo estético estimulado através de ações mediadoras viabilizadas através de objetos, jogos e outros propositores. De volta a Jacques Rancière (2010) para apontar o espectador e sua emancipação, colocando em questão o olhar e o agir, aonde essa emancipação começa quando se compreende que olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição de posições, reforçando que o espectador também age, observa, seleciona, compara e interpreta. Liga, constantemente, o que vê a aquilo que já viu, disse, fez ou sonhou anteriormente.

Essa condição está correlacionada, portanto, a questões amplamente direcionadas às experiências individuais do sujeito. Nesse sentido, também há de se observar as contribuições de Deleuze (1992), evocado por Solange Utuari (2012): “uma obra de arte deve conter tantos vazios que permita que o espectador a preencha com suas próprias interpretações e diálogos, nas relações entre percepção e memória.”.

### **Algumas considerações**

Apesar do Museu de Arte Murilo Mendes contar com um espaço e um acervo bibliográfico expressivo<sup>13</sup>, nenhuma ação de leitura ou proposição que vá de encontro com as produções literárias de seu patrono e também das outras bibliotecas disponíveis, são desenvolvidas. Por se tratar de divisões distintas, talvez fosse interessante a aproximação entre os setores da Biblioteca e do Educativo. Quem sabe, experimentar um pouco do que foi demonstrado pela arte-educadora Renata Sant’Anna em sua passagem pelo encontro que aconteceu no museu: ações através da literatura. Afinal, há espaços e conexões mais que propícias.

Por fim, cabe notar não só o êxito nessa apropriação de proposições que vão sendo resinificadas pelos educadores do Museu de Arte Murilo Mendes, mas despertar também questionamentos acerca de suas potencialidades de produção. Permitir-se pensar seus espaços e os conjuntos de significados que movimentam o

---

<sup>13</sup> O setor abriga aproximadamente 12.000 volumes que, além da coleção de livros do poeta Murilo Mendes, é composto por um conjunto de bibliotecas de outros nomes reconhecidos, principalmente pela comunidade juiz-forana. Há ainda fotografias e documentos.

museu e também sua comunidade, aproximando-se ainda mais dos educadores locais, das paisagens habitadas, das histórias tradicionais, das memórias, do lúdico, da identidade institucional e juiz-forana.

### **Referências bibliográficas**

MUSEU DE ARTE MURILO MENDES. **Plano Museológico MAMM 2019-2022**. Juiz de Fora: Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

33ª BIENAL DE SÃO PAULO: afinidades afetivas: **convite à atenção** / [Fundação Bienal de São Paulo [et al.]; curadoria Gabriel Pérez-Barreiro]. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2018.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortês, 1999.

LOPES, M. M. **Museu**: uma perspectiva de educação em geologia. 1988, 163 f. Dissertação (Mestrado) - Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

MARANDINO, Martha (Org.). **A Educação em Museus e os Materiais Educativos**. São Paulo: Geenf / FEUSP, 2016. Disponível em: <<http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2016/08/A-Educa%C3%A7%C3%A3o-em-Museus-e-os-Materiais-Educativos.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

MARANDINO, Martha (Org.). **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: Geenf / FEUSP, 2008. Disponível em: <<http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

MARTINS, L. C. **A constituição da educação em museus**: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. 2011. 390 f. Tese (Doutorado) – Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/pt-br.php>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias (coord.). Grupo de Pesquisa: Mediação Arte/Cultura/Público. **Revista Mediação**: provocações estéticas. São Paulo: Instituto de Artes. Pós-graduação/UNESP, v.1, d.1, outubro 2005, p. 55. Disponível em:<<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/105.pdf>>. Acesso em 08 abr. 2019.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Mediações culturais e contaminações estéticas. **Revista Gearte**, v. 1, n. 2, p.248-264, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. O olhar do professor-escavador de sentidos. *In: Inventário dos Achados*: O olhar do professor-escavador de sentidos, Porto Alegre, p.7-10, out. 2003. 4ª Bienal do Mercosul - Ação Educativa. Disponível em:<[http://www.bienalmercosul.art.br/4bienal/site/pdf/4BM\\_Caderno.pdf](http://www.bienalmercosul.art.br/4bienal/site/pdf/4BM_Caderno.pdf)> Acesso em 10 abr. 2019.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Itermeios, 2012.

MENDONÇA, Edgar Sússekind de. **A extensão cultural nos museus**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. (Museu Nacional, publicações avulsas, 2). Disponível em: <[http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Livros/livro\\_MENDONCA-EDGAR.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Livros/livro_MENDONCA-EDGAR.pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2019.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO (São Paulo). **Museu Para Todos + Educação**: Programas Desenvolvidos. Disponível em: <<http://museu.pinacoteca.org.br/programas-desenvolvidos/>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

UTUARI, Solange. O professor propositor. *In*: Anais do 23º Seminário Nacional de Arte e Educação: Arte: **Mediações, compartilhamentos e interações**. Montenegro: Ed. da FUNDARTE, v. 23, p.53-59, 2012. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/42/128>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

VERGARA, Luiz Guilherme. **Curadorias educativas a consciência do olhar**: percepção imaginativa perspectivas fenomenológica aplicadas à experiência estética. *In*: Congresso Nacional De Pesquisadores Em Artes Plásticas. v.3. São Paulo, out./1996. **Anais 96**. São Paulo, Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 1996. p.240-247.